



## Sentimentos universais em *Gota d'água*

Eduardo Pereira Machado<sup>1</sup>  
Universidade de Coimbra

**RESUMO:** O presente artigo analisa a obra *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes (2008), sob os aspectos da teoria de Aristóteles (2002). Para tanto, conceituamos tragédia, assim como os elementos do trágico – desmedida, peripécia, reconhecimento e catarse. Dessa forma, aplicamos as teorias na obra em estudo. Ao mesmo tempo, realizamos uma releitura comentada do texto buarquiano.

Palavras-chave: literatura, poética, trágico

**ABSTRACT:** The present article analyzes the workmanship *Gota d'água*, of Chico Buarque and Paulo Pontes (2008) approaching it under the aspects of the theory of Aristóteles (2002). For in such a way, we appraise tragedy, as well as, the elements of the tragic one: excessive, turn of events, recognition and catarse. Of this form, we apply the theories studied in the work. At the same time, we performed a reading of the text commented buarquiano.

Keywords: literature, poetry, tragic

### 1 OS ELEMENTOS TRÁGICOS

Nos vinte e seis capítulos da *Arte poética* de Aristóteles, dezessete são dedicados ao estudo da tragédia, visto que o autor apreciava mais este gênero, especialmente em detrimento da comédia. Segundo o autor, tragédia é a imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, e não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções:

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções (ARISTÓTELES, 2002, p. 24).

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS), Especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma Universidade e Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter/RS). Doutorando em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). Professor da Faculdade Cenecista Nossa Senhora dos Anjos, em Gravataí/RS, e dos Colégios Marista Assunção e Marista Ipanema, em Porto Alegre/RS.

Para uma tragédia ser bem sucedida, deve apresentar alguns elementos, dos quais, para este estudo, interessam-nos a *hybris*, a *peripécia*, o reconhecimento, e a *catarse*.

*Hybris*, contemporaneamente também chamada de *desmedida*, é o erro – ou os erros – que a personagem comete, sendo esse geralmente trágico. A *hybris* ou *desmedida* é consequência de um contexto de insatisfação da personagem que, em função de um impulso, de um instinto ou de algo que lhe foge ao controle provocará, nela, uma ação que se mostrará como um “erro”, pois irá desestabilizar seu universo físico e psicológico, tanto quanto o das personagens que vivem em torno de si.

*Peripécia* é a inversão dos fatos no decorrer dos acontecimentos, ou seja, os acontecimentos ocorrem de maneira contrária à esperada pela personagem, ocasionando, então, a *peripécia*, assim definida por Aristóteles: “*Peripécia* é uma viravolta das ações em sentido contrário, como ficou dito; e isso, repetimos, segundo a verossimilhança ou necessidade” (ARISTÓTELES, 2002, p.30). Isso implica dizer, também, que a *peripécia* não pode ocorrer de modo “forçado” – é preciso que seja verossímil e necessária, que tenha uma coerência na progressão de elos da narrativa trágica.

Por reconhecimento entendemos a passagem do desconhecido para o conhecido, ou seja, alguma coisa acontece – que muitas vezes se manifesta em forma de *peripécia* – e essa ação provocará um reconhecimento *a posteriori*. Pode aplicar-se a uma determinada situação ou, mesmo, a qualidades, “defeitos” e sentimentos de uma personagem, sobre a qual, antes, não havia esse conhecimento:

O reconhecimento, como a palavra mesma indica, é a mudança do desconhecimento ao conhecimento, ou à amizade, ou ao ódio, das pessoas marcadas para a ventura ou desdita (ARISTÓTELES, 2002, p.30).

A *catarse*, por fim, nada mais é do que a purificação das emoções através dos sentimentos de terror e de piedade. Nesse sentido, as tragédias gregas – como depois as romanas – podem ser compreendidas como “didáticas”, pois visavam, de certa forma, manter um equilíbrio entre o ser humano e o cosmos que integrava. Isso significa que, quando o espectador assistia a encenação das tragédias, observando o que ocorria às

personagens em consequência de seus erros, de suas desmedidas, esse espectador reavaliaria seus próprios impulsos, suas próprias emoções “funestas”, e pouparia a si e aos outros de possíveis erros trágicos, que pudessem desestabilizar a família e a sociedade. Tal acontecia, como se disse, mediante o terror – diante de uma ação “trágica” (traições, assassinatos) e mediante a piedade (por aqueles que eram vítimas dessas ações).

Por meio desses conceitos, analisamos a obra *Gota d’água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes (2008)<sup>2</sup>, extraíndo da obra as passagens que nos são relevantes, esclarecendo em que medidas podem ser compreendidas como *hybris*, *peripécia* e reconhecimento, conduzindo à ideia de *catarse* aristotélica. Cabe salientar que o texto objeto de nosso estudo não é uma tragédia enquanto gênero literário, porém verificamos nele elementos trágicos.

## **2 ENTRE HYBRIS, PERIPÉCIAS E RECONHECIMENTOS: ELOS PARA A CATARSE**

*Gota d’água* foi escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes em 1975. Porém, sua primeira encenação ocorreu na cidade de São Paulo em abril de 1977, contando com um elenco renomado. Joana e Jasão, protagonistas da história, foram representados por Bibi Ferreira e Francisco Milani, respectivamente.

Dividida em dois atos, a obra retrata o cotidiano dos moradores da Vila do Meio-Dia, um conjunto habitacional situado no subúrbio do Rio de Janeiro e que serve de cenário para o drama vivido pelos protagonistas.

A obra inicia no set denominado “as vizinhas”. Lá, quatro mulheres conversam sobre a separação de Joana e Jasão, dando ao leitor/espectador as primeiras noções do desenrolar da história: o homem que abandona sua mulher para casar-se com outra, após seu samba “Gota d’água” estourar nas paradas de sucesso.

No set do “botequim”, os homens do conjunto habitacional não falam em outra coisa, o assunto na vila é o conflito dos protagonistas, porém, o que vale ressaltar é a

---

<sup>2</sup> Todas as citações serão retiradas dessa edição. Daqui por diante, identificaremos as passagens transcritas apenas com o título da obra e a página, no próprio corpus do trabalho.

diferenciação das falas das personagens, pois, enquanto as mulheres condenam a atitude de Jasão, os homens o apoiam.

*Estela*

Pois o Jasão  
não tinha nenhuma ambição. Vivia  
a vida inteirinha entre o violão  
e o rabo de saia dela. Até o dia  
que o rádio tocou seu samba maldito,  
feito de parceria co'o diabo  
Foi a mosca azul. Já disse e repito:  
comigo eu dava-lhe um tiro no rabo  
(Gota d'água, p.32)

*Amorim*

Trepado nas ancas de mãe Joana ele ia  
ser o quê? Outro mestre Egeu? Aqui, garanto:  
qualquer um, para sair desta merda, vendia  
a mãe, a mulher, pai, filho e Espírito Santo  
(Gota d'água, p.42)

Em se tratando da linguagem utilizada, outro aspecto que merece nossa atenção refere-se ao vocabulário utilizado pelos autores para representar a fala das personagens. Palavras como “rabo”, “cu”, “porra”, “puta” são corriqueiras no decorrer da leitura, retratando assim o dia-a-dia real das vilas e favelas, causando certo “estranhamento” ao leitor. Segundo Regina da Costa da Silveira:

o palavrão desencadeia a suspensão de uma ordem provisória e pacífica, provoca o riso através das mesmas tendências de espírito que entram em cena na recepção de um chiste, ao mesmo tempo que penetra na intimidade, enrosca o receptor. (SILVEIRA, 2006, p. 176).

Aplicando os conceitos aristotélicos, vemos na fala de Xulé, a primeira peripécia, pois o personagem acredita que Jasão, ao casar-se com Alma, poderá se tornar um aliado do povo, uma vez que sua futura esposa é filha de Creonte, proprietário do conjunto habitacional, a quem os moradores devem mensalidades referentes as suas casas.

*Xulé*

Se você quer que eu lhe responda  
o que eu penso, co'a maior honestidade,  
ele está certo, tem que aproveitar a onda  
É bom menino, sabe o que é necessidade,  
faz bem em se casar co'a filha do Creonte

E assim que estiver sentado bem à vontade  
à direita de Deus Pai, talvez nos desconte  
um pouco de dívida e da mensalidade

(*Gota d'água*, p.34)

Ocorre peripécia nesse acontecimento, pois Jasão retorna à vila, a pedido de seu futuro sogro, para tentar fazer com que as famílias retomem os pagamentos, uma vez que instigados por Egeu, presidente da associação de moradores, decidem em conjunto não mais pagarem por suas casas, certos de que os juros e as correções aumentam cada vez mais, tornando-se um valor abusivo. Nesse momento, dá-se, também o reconhecimento, por parte dos amigos de Jasão que pensavam ter, a partir daquele dia, um aliado.

*Creonte*

Bem, perfeito

Você vai conversar com ele, então

Você me conhece e pode explicar

que eu trabalhei suado, honestamente

e fiz essa casa pra melhorar

as condições de vida dessa gente

(...)

Escute um momento,

Egeu, faz muito tempo que o conheço

e está fazendo muito movimento

contra mim. Você acha que eu mereço?

Está mandando o povo sonegar

as prestações da casa. E eu fico quieto?

Acha que é certo esse povo ficar

me enganando debaixo do meu teto?

Acha certo morar e não pagar?

Diga, rapaz, acha que está correto?

(*Gota d'água*, p. 54)

Na continuidade da conversa entre Jasão e Creonte, esse último alerta o primeiro sobre Joana, sua ex-companheira. O dono do conjunto habitacional acentua o fato de a protagonista ser macumbeira, tornando-se, assim, um perigo para o seu “reinado”. Jasão tenta convencer seu futuro sogro dizendo que a mãe de seus filhos é uma boa pessoa e que ela vai sossegar. Nessa perspectiva, Creonte apenas adia seus planos de expulsar Joana da Vila do Meio-Dia.

Joana até então não entrou em cena, quando isso ocorre, percebemos que a personagem já arquiteta seu plano de vingança. Pensa nos filhos, ora com sentimentos bons, ora com sentimentos ruins. Essa dicotomia está presente em toda a obra, pois a

personagem ao mesmo tempo em que ama suas crianças, as despreza por serem frutos de Jasão.

O grande momento da história está no encontro do casal protagonista. Quando os moradores recebem a notícia de que Jasão está na vila, todos não comentam sobre outro assunto, as vizinhas lavadeiras falam para Joana que ele está de volta para cair nos braços dela, dando falsas esperanças à mulher abandonada, mas na realidade o compositor de “Gota d’água” só está ali por ordem de Creonte, primeiro vai ter uma conversa com Egeu, depois passa no botequim para rever os companheiros e, por fim, dirige-se à casa de seus filhos para falar com a mãe deles. O diálogo entre o casal é marcado por palavras fortes; palavras essas que servem apenas para ofender, para machucar ainda mais quem já está com o coração ferido.

Joana, ao estabelecer uma união estável com Jasão, dera a ele – segundo ela – os melhores anos de sua vida e o que tinha de melhor, portanto, não esperava que “seu homem” um dia iria ser tão cruel e agir dessa maneira. Sendo assim, encontramos – nessa situação – uma peripécia, pois as ações ocorrem de maneira contrária à esperada pela personagem feminina. Como de toda peripécia, provêm um reconhecimento, verificamos aqui justamente a descoberta desse novo homem que surge diante de Joana, fazendo com que a personagem desconheça a figura masculina com quem viveu dez anos de sua vida.

O clímax, desse diálogo, ocorre quando Jasão, ao ser comparado a Cacetão – o gigolô da vila –, bate em Joana fazendo-a cair.

*Joana*

(...)

Pra mim, Cacetão, que ao menos não nega,  
tem muito mais valor...

(...)

Gigolô!...

*(Jasão dá um murro em Joana que cai)*

*Jasão*

Você é merda... Você é fim  
de noite, é cu, é molambo, é coisa largada...

Venho aqui, fico te ouvindo, porra, me humilho,  
pra quê?

*(Gota d’água, p.91)*

Jasão na história de Chico Buarque e Paulo Pontes, ao trocar Joana por Alma, comete uma *hybris*, um erro trágico, pois com sua atitude, conseguiu despertar o ódio da companheira com quem conviveu e teve dois filhos. A partir desse momento, sua vida, assim como seu destino, está atrelado às decisões de Joana que só pensa em vingança. A *hybris* é o que proporciona a queda da personagem masculina.

Indignada com a situação em que se encontra, a protagonista de *Gota d'água* sai pelas ruas do conjunto habitacional amaldiçoando aqueles que a fizeram mal. Com a crença em seus deuses, Joana os invoca na tentativa de receber a ajuda divina para executar seu plano de vingança.

*Joana*

O pai e a filha vão colher a tempestade  
A ira dos centauros e de pomba-gira  
levará seus corpos a crepitar na pira  
e suas almas a vagar na eternidade

(...)

Você, Salamandra, vai chegar sua vez  
Oxumaré de acordo com mãe Afrodite  
Vão preparar um filtro que lhe dá cistite,  
Corrimento, sífilis, cancro e frigidez

(...)

Eu conto com os orixás do Olimpo!

(*Gota d'água*, p.101)

Creonte ao ser informado sobre as atitudes da personagem planeja expulsar Joana e seus filhos da Vila do Meio-Dia, porém Jasão pede para que antes de expulsá-la, deixe-o falar com a mulher com quem conviveu. Ao chegar na sua antiga casa, Jasão tenta convencer Joana, todavia, ela não aceita a ajuda dele, fica indignada pelo fato de ele próprio ter coragem de pedir para que ela vá embora. Mais uma vez o encontro do casal é marcado por falas fortes, sentimentos nebulosos e capazes de magoar, ferir.

*Jasão*

Você é viagem  
sem volta, Joana. Agora eu vou contar  
pra você, sem rancor, sem sacanagem,  
por que é que eu tinha que te abandonar

(*Gota d'água*, p. 133)

*Joana*

Corre! Vai procurar aquela puta!  
Não fica perdendo tempo comigo  
Vai bajular Creonte, mas, escuta,  
de algum lugar há de vir o castigo  
A vida não é assim, seu Jasão

Não se pode ter tudo impunemente  
A paz do justo, o lote do ladrão  
mais o sono tranquilo do inocente  
(Gota d'água, p. 137)

Como Jasão não conseguira fazer com que Joana saísse da Vila do Meio-Dia por bem, Creonte acompanhado de policiais vai até o conjunto habitacional decidido a expulsar a sua inimiga, porém, com uma fala bem articulada, Joana conseguiu tocar o coração do dono do local, fazendo com que ele desse a ela um dia para poder se organizar e ir embora com seus filhos.

Um dia era o bastante para que Joana arquitetasse sua vingança. Decidida do que fazer, ela pede a Corina para que chame Jasão. Ao chegar à casa, o sambista é recebido sem as agressões dos últimos dois encontros. Agora, sua ex-companheira o trate bem, fala suave, cheia de elogios, diz estar arrependida e pede desculpas.

*Jasão*  
Não sei... Mulher, onde você escondeu  
a fúria? Onde e por quê? Diz...  
*Joana*  
É que meu  
ressentimento ofuscava a verdade  
Se homem é ação e mulher, postura  
A mulher, o raso, o homem, o fundo  
Se ele é chave mestra e ela é fechadura,  
então o que a mulher tem que cobrar  
dele não é lealdade, mas brilho  
(...)  
Por isso é que eu te chamei. Vai em frente  
Jasão, aqui você tem uma amiga  
que quer ver você feliz...  
(Gota d'água, p. 160)

No momento em que Jasão vai ao quarto dos filhos, Joana pensa e fica aterrorizada com o que se passa em sua mente.

*Joana (para si, aterrorizada diante da descoberta)*  
Não fale mais nada,  
não, Jasão, não me deixe alucinada  
Você sabe que eu te odeio, Jasão  
Mas contra você todas as vinganças  
Seriam vãs, seu corpo está fechado  
Você só tem, pra ser apunhalado,  
Duas metades de alma: essas crianças

É só assim que eu posso te ferir,  
Jasão? É essa dor que você não  
suportaria? Que é isso, Jasão?  
Me aponta outro caminho...

(*Gota d'água*, p. 163)

O intuito de Joana é, através das palavras, enganar Jasão para que ele deixe seus filhos irem a sua festa de casamento com Alma. Dissimulada, Joana consegue seu intento, fazendo com que Jasão caia na sua armadilha.

*Joana*

Olha, Jasão,  
tive agora uma ideia mais feliz...  
Amanhã, antes da festa, os guris  
vão lá...

*Jasão*

Não. Pra quê?...

*Joana*

Sim, faço questão  
Eles vão lá com um presente meu,  
um agrado, sinal que eu declarei  
paz...

(*Gota d'água*, p. 164)

Com a saída de Jasão, Joana começa a preparar sua vingança: um bolo envenenado para presentear a noiva no dia de seu casamento. Para concretizar seu plano, pede a Corina que leve os filhos à festa e que eles entreguem o presente a Alma como forma de amizade. Ao chegarem ao casamento, os filhos de Jasão presenteiam a noiva que se não fosse impedida pelo pai comeria o bolo. Creonte expulsa as crianças do local e elas voltam ao seio da mãe. Em casa e ao perceber os filhos com fome, Joana dá-lhes um pedaço de bolo acompanhado de guaraná. Após alimentar os filhos, come também o passaporte para um mundo, que segunda ela, será muito mais justo e melhor. A fala/cena que antecede à morte das três personagens é comovente e dramática. Nela a mãe abraça fortemente os filhos e conta-lhes como será seu novo lar.

O desfecho de *Gota d'água* nos leva à catarse através do terror e da piedade. Nessa obra, sentimos juntamente com a protagonista todo o sofrimento causado por um amor destruído, assim como sentimos terror ao vê-la pensando nas crianças como a única forma de atingir Jasão. A dúvida e a vontade de não cometer o ato em si, nos faz temer pelo destino das personagens. A piedade configura-se tanto nas pobres crianças que em sua inocência perdem a vida e o direito de construírem seu destino, como nos

sentimentos contraditórios de Joana que por causa de sua condição renuncia não somente à vida, como também à vontade de viver.

A catástrofe final ganha uma explicação na própria letra do samba de Jasão: “e qualquer desatenção, faça não/pode ser a gota d’água”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Gota d’água*, publicada no século XX, traz em seu enredo sentimentos incontestavelmente universais: o amor, sentimento que não convive com a traição, é o que tem desencadeado vinganças e crimes passionais desde tempos imemoriais, e a expiação pela transgressão ou pelo pecado traz, desde os tempos bíblicos, o bode como elemento sacrificial:

Imolará então o bode destinado ao sacrifício pelo pecado do povo e levará o seu sangue para detrás do véu. Fará com esse sangue o mesmo que fez com o sangue do novilho, aspergindo-o sobre o propiciatório e diante deste. (Levítico, 16, 15-16. In \_\_\_ CHEVALIER, 1995, p.134).

Interessante torna-se, então, constatar o que a análise literária oportunizou: há sentimentos, como o paradoxal binômio amor e ódio, que são inerentes aos indivíduos. Independente da época em que vivem e da classe social de que procedem, verificou-se que os personagens antigos e contemporâneos têm as mesmas reações diante da crise do ciúme que se instaura. Ao se sentirem traídos, no entanto, a vingança não mede consequências nefastas e os bodes expiatórios são vítimas do sacrifício para a prática da desmedida.

## REFERÊNCIAS

ADRADOS, Francisco R. *Introdução à Medéia*. In: EURÍPIDES. *Tragédias: Medea, Hipólito*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1995.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d’água*. 38ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



EDIÇÃO Nº 12 – 2º SEMESTRE DE 2011

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011

ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

CHEVALIER, Jean e GHEERBRAND, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995..

LEAL, Luciana Ferreira. Elementos do trágico em Eça de Queirós: *A Tragédia da Rua das Flores e Os Maias*. Assis: 2006. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MOISÉS, Maussad. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ROSENFELD, Kathrin Holtermayer. *Desenveradando Rosa: a obra de J.G. Rosa & outros ensaios roseanos*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2006.

SILVEIRA, Regina da Costa da. *Na espiral de Dante, outros heróis perdem sua alma*.

In: GOMES, Leny da Silva; GOMES, Neiva Maria Tebaldi. *Aprendizagem de língua e literatura: gêneros & vivências de linguagem*. Porto Alegre: Editora Uniritter, 2006.